

**Discutindo o gênero literário do  
Evangelho de Tomé: os Evangelhos de sentenças**  
**Discussing the literary genre of the  
Gospel of Thomas: the Gospels of sentences**

*José Aristides da Silva Gamito<sup>1</sup>*

**RESUMO**

O gênero literário “evangelho” comporta quatro variações: Evangelhos de sentenças, de diálogos, de narrativas e de discursos. O Evangelho de Tomé é um evangelho de sentenças e a importância deste gênero está no fato de ser uma forma textual primitiva na história da transmissão dos ensinamentos de Jesus. O processo de formação das crenças do cristianismo primitivo dependeu num primeiro momento destas tradições.

**PALAVRAS-CHAVE**

Evangelho de Tomé. Gênero literário. Sentenças. Cristianismo primitivo.

**ABSTRACT**

The literary genre “gospel” comprises four kinds: Gospels of Sentences, of Dialogues, of Narratives and of Discourses. The Gospel of Thomas is a gospel of sentences and it portrays the earliest textual form in the history of the transmission of the teachings of Jesus. The process of belief formation of Early Christianity depended firstly on these traditions.

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em Filosofia, especialista em Docência do Ensino Básico, em Docência do Ensino Superior, em Língua Latina e Filologia Românica, mestre em Ciências das Religiões. Professor de Lógica Simbólica no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, Caratinga – MG. E-mail: joaristides@gmail.com.

**KEY-WORDS**

Gospel of Thomas. Literary genre. Sentences. Early Christianity.

**Introdução**

A literatura teve um papel decisivo na formação das crenças no cristianismo primitivo. Essas crenças que remontam a Jesus foram inicialmente formadas e transmitidas pela oralidade, pelo encontro de pessoas, mas a partir de um dado momento a literatura tornou-se o testemunho mais confiável do que Jesus ensinou e realizou. A partir de um tempo que não havia mais nas comunidades cristãs primitivas pessoas que foram testemunhas oculares da pregação de Jesus, os evangelhos tornaram-se os documentos indispensáveis para a sobrevivência da comunidade. A manutenção da identidade cristã dependeu em parte da fixação de Escrituras.

As formas textuais mais próximas da oralidade na tradição de Jesus foram o gênero literário das sentenças. Elas são um gênero conciso e de praticidade mnemônica. A redação de coleções de sentenças pode ter dado origem aos diversos evangelhos. O Evangelho de Tomé e o Documento Q são exemplos disso. Considerando que os evangelhos foram escritos por diferentes comunidades, tempos e necessidades, uma variedade de formas textuais pode ser encontradas sob a denominação “evangelhos”. Nesta análise, interessam-nos os evangelhos de sentenças.

O Evangelho de Tomé é um evangelho de sentenças e se situa no início das tradições mais primitivas de transmissão dos ensinamentos de Jesus. A primeira camada redacional de Tomé pode remontar à comunidade de Jerusalém por volta de 50 do século I. Evidentemente, o texto integral conhecido atualmente pode ter sido terminado em 140, em Edessa, na Síria<sup>2</sup>. A discussão de seu gênero literário é importante para o conhecimento da formação dos evangelhos, da preservação dos ensinamentos de Jesus e da identidade social dos cristãos.

---

<sup>2</sup> HAYGOOD, Lisa. The Battle to Authenticate “the Gospel of Thomas”. *LUX*, A Journal of Transdisciplinary Writing and Research from Claremont Graduate University, v.3, n. 1, 2013, p. 1-31.

## 1. Os evangelhos e seus gêneros literários

Ao longo dos dois primeiros séculos da Era Comum, produziu-se e circulou entre as comunidades cristãs uma variedade de textos sob a denominação de “evangelhos”, dos quais os mais conhecidos são Mateus, Marcos, Lucas e João. Nos evangelhos de Lucas e de João encontramos duas informações sobre os bastidores da redação. Lucas no prólogo de seu evangelho informa que muitos tentaram compor uma narração dos fatos ocorridos com Jesus (Lc 1,1) e João confessa no seu epílogo que Jesus fez muitas outras coisas e, usando uma hipérbole, afirma que “o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam” (Jo 21,25). Os evangelhos canônicos são exemplares de um fenômeno literário amplo: a transmissão da tradição sobre Jesus. Eles vão desde textos com estruturas simples até textos com especulação teológica mais completa.

O gênero “evangelho” apresenta quatro variações: 1º – Evangelhos de sentenças; 2º – Evangelhos de diálogos; 3º – Evangelhos de narrativas e 4º – Evangelhos de discursos. Segue uma breve distinção entre esses gêneros. 1º – Os evangelhos de sentenças envolvem coleções de sentenças proferidas por Jesus como o Documento Q e o Evangelho de Tomé. 2º – Os evangelhos de diálogos reportam conversas entre Jesus e seus discípulos após a ressurreição. Esses textos são identificados como “diálogos do Redentor”. Eles ocorrem entre os cristãos gnósticos e tinham como propósito a instrução catequética. São exemplares: o Evangelho de Maria e o Evangelho de Judas<sup>3</sup>. 3º – Os evangelhos de narrativas são os mais divulgados por ser o gênero encontrado no Novo Testamento. Seu gênero se assemelha à biografia. 4º – Os evangelhos de discursos são textos dissertativos que tratam de ensinamentos atribuídos a Jesus em forma de tratados ou homilias. Tomamos dois exemplos: o Evangelho de Filipe, cujo gênero literário é considerado também um florilégio, porque aparenta uma coleção de pequenos discursos<sup>4</sup>, e o Evangelho da Verdade, que é uma homilia<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> SCNHEEMELCHER, Wilhelm. *New Testament Apocrypha I: Gospels and Related Writings*. Louisville; London: Westminster John Knox Press, 2003, p. 228-229.

<sup>4</sup> SCNHEEMELCHER, 2003, p. 215.

<sup>5</sup> MAGNUSSON, Jörgen. *Rethinking the Gospel of Truth: A study of its eastern Valentinian setting*. Dissertação de Mestrado. 191 fls. Faculty of Theology, University of Uppsala, Uppsala, 2006, p. 17.

Os evangelhos cumprem três funções fundamentais para o seu público: a função memorial, a função didática e a função mimética. Em suma, os evangelhos são escritos para recordar os dados biográficos e os ensinamentos de Jesus, ensinar sua doutrina para os novos discípulos e estimular a prática da fé através dos exemplos. Com a morte da primeira geração de discípulos, incluindo daqueles que foram testemunhas oculares de Jesus, havia a necessidade de preservar os ensinamentos de Jesus. A literatura foi o instrumento escolhido para este fim. Portanto, a preocupação com a memória dá início à literatura dos evangelhos.

Justino de Roma (100-165) nos informa na *Apologia* I que, no século II, os cristãos tinham o costume de se reunirem no dia do Sol para lerem as memórias dos apóstolos. O uso dos evangelhos tem, neste contexto litúrgico, a função de preservar a memória dos apóstolos e de apresentar essas narrativas como exemplos para a imitação<sup>6</sup>. A transmissão dos ditos de Jesus estava relacionada com a credibilidade do testemunho das fontes. Papias de Hierápolis (69-150) comenta que ao compor a sua obra *Exegese das Sentenças do Senhor* procurou ouvir testemunhos diretos das memórias dos apóstolos. Ele buscava interrogar os cristãos que tinham convivido com os apóstolos e depositava nestas declarações o critério de credibilidade<sup>7</sup>.

De acordo com a epistemologia social, a memória e o testemunho são fontes comprovadas de conhecimento. A literatura é um suporte para o acesso ao conteúdo deste conhecimento. Segundo Robert Audi, a memória é um veículo cognitivo individual, mas quando associada ao testemunho desempenha um papel social<sup>8</sup>. A literatura dos evangelhos explora a vantagem das fontes memoriais e testemunhais para a formação da identidade ideológica e social da comunidade. O evento Jesus é separado das novas gerações de cristãos pelo tempo. O conhecimento de sua pregação é mediado pela literatura. As sentenças e as histórias sobre o mestre só poderiam ser acessadas através da memória e do testemunho dos apóstolos. Por isso, Justino destaca as memórias dos apóstolos.

<sup>6</sup> ROMA, Justino de. *I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. Trad. de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 43.

<sup>7</sup> CESARIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999, p. 74.

<sup>8</sup> AUDI, Robert. Robert. *Epistemology: A Contemporary Introduction to the Theory of Knowledge*. New York: Routledge. 2003, p. 133.

A função didática dos evangelhos aparece na prática catequética. As instruções catequéticas e as práticas litúrgicas foram os meios de preservação de muitos ensinamentos de Jesus. A “Oração do Pai-Nosso”, por exemplo, é um ensinamento de Jesus que foi preservado pelos evangelhos canônicos e pela Didaquê. Justino de Roma utiliza citações de ensinamentos de Jesus que são adaptações de textos dos evangelhos e de outras fontes com a finalidade de instrução da comunidade<sup>9</sup>. As coleções de sentenças do cristianismo primitivo tinham este propósito catequético também.

A função mimética dos evangelhos diz respeito à busca do conhecimento dos ensinamentos morais e as histórias sobre a vida de Jesus que servem de exemplo para o discípulo seguir. Há muitas ocorrências de imitação (*mimesis*) no Evangelho de João: A relação entre Jesus e o discípulo é uma imitação da relação entre Jesus e o Pai (Jo 5,19; 15,5; 12,49; 17,8); o episódio do lava-pés indica o exemplo a ser imitado pelos discípulos (13,1-20), a unidade entre os cristãos deve tomar a unidade de Jesus e do Pai como modelo (17,20-22) e o envio dos discípulos exige também imitação (20,21)<sup>10</sup>. Mateus prefere a expressão do seguimento (Mt 9,9). O Evangelho de Tomé toma a imitação e o seguimento como assimilação. O discípulo que aprende as palavras de Jesus torna-se como ele; e ele, como eles (*logion* 108).

Portanto, a literatura dos evangelhos contribuiu para a formação da identidade das gerações de cristãos após a morte dos apóstolos. As funções memorial, didática e mimética aproximam os novos cristãos do que foi, ensinou e praticou Jesus. A multiplicidade destas fontes gera, posteriormente, os debates em torno das heresias. As diferentes versões dos ensinamentos de Jesus desafiam a homogeneidade em torno do que seriam ou do que acreditariam os cristãos. Além das variantes textuais, as diferentes interpretações da doutrina dos apóstolos contribuíram para um cristianismo não-homogêneo.

Dos anos 50 até final do século II, foram escritos muitos evangelhos. Além dos evangelhos canônicos podemos elencar alguns: Evangelho dos

<sup>9</sup> KOESTER, Helmut. Gospel and Gospel Traditions in the Second Century. In: GREGORY, Andrew F.; TUCKETT, Christopher M. *Trajectories through the New Testament and the Apostolic Fathers*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 31.

<sup>10</sup> BENNEMA, Cornelis. *Mimesis in the Johannine Literature: A study in Johannine Ethics*. New York: Bloomsbury; T&T Clark, 2017, [s. p.].

Nazarenos, dos Ebionitas, dos Hebreus, dos Egípcios, de Pedro, de Filipe, de Maria, de Tiago, do Salvador, da Verdade, o Apócrifo de Marcos e da Infância de Tomé<sup>11</sup>. Mas a diversidade exigiu um parâmetro para definir as palavras que eram genuinamente de Jesus e quais evangelhos eram mais fidedignos à tradição dos apóstolos. Inicia-se um longo processo de padronização dos evangelhos que será chamado de canonicidade.

A pluralidade de evangelhos, o processo de canonização dos textos do Novo Testamento, ocorrerá como esforço de definição de uma identidade do cristianismo. A igreja primitiva utilizou as sentenças e as parábolas que circulavam sob a autoridade de Jesus para fins de exortação moral, de prática litúrgica, de apologética e de controle social. A literatura assumiu um papel de delineador da identidade social dos primeiros cristãos. Este conjunto de funções associadas aos evangelhos se caracteriza como instrumentos da memória social<sup>12</sup>.

## 2. O gênero literário do Evangelho de Tomé

Marvin Meyer classifica os Evangelhos de Tomé e de João como evangelhos sapienciais. Esses evangelhos apresentam Jesus como aquele que proclama a sabedoria e o conhecimento. O Evangelho de Tomé se compõe de sentenças de teor sapiencial e o Evangelho de João oferece narrativas com discursos místicos de Jesus. O uso desses evangelhos para fins gnósticos acontece por causa deste acento sapiencial e místico<sup>13</sup>. A partir da classificação de Marvin, identificamos o Evangelho de Tomé como um evangelho sapiencial de sentenças, enquanto o Evangelho de João distingue-se por ser um evangelho sapiencial de narrativas.

O Evangelho de Tomé tem analogia formal com o Documento hipotético de sentenças Q. O gênero “sentenças” foi amplamente utilizado

<sup>11</sup> ERHMAN, Bart. *Lost Scriptures: Books that did not make it into the New Testament*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 8. Ver também páginas seguintes.

<sup>12</sup> SCHWARTZ, Barry. Christian Origins: Historical Truth and Social Memory. In: KIRK, Alan; THATCHER, Tom. *Memory, Tradition and Text: Uses of the Past in Early Christianity*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005, p. 48.

<sup>13</sup> BARNSTONE, Willis; MEYER, Marvin. *The Gnostic Bible*. Boston; London: Shambhala, 2003, p. 38.

pela literatura grega, romana e judaica para a função didática e sapiencial. Muitas coleções de sentenças são encontradas na história dessas literaturas. Durante o processo inicial de transmissão das palavras de Jesus, as coleções de sentenças tiveram um papel importante. Segundo Koester, a existência do Evangelho de Tomé demonstra que bem cedo na história do cristianismo existiram coleções de sentenças de Jesus. O marco temporal mais cedo possível para elas seria a segunda metade do século I<sup>14</sup>.

Klaus Berger define sentenças como “ditados ou provérbios em que se expressa uma experiência universal, geralmente em forma descritiva e em frases curtas”. Estas formas estão presentes na linguagem oral e se caracterizam pela brevidade da forma e a concisão de pensamento<sup>15</sup>. As sentenças estão presentes em vários outros gêneros de evangelhos como os de narrativas. A singularidade do Evangelho de Tomé é que ele se compõe majoritariamente desta forma literária.

O gênero sentenças ocorre em muitos textos dos evangelhos canônicos. As sentenças apresentam conteúdos variados e podem se aproximar de vários outros gêneros. Elas não se limitam a determinados gêneros, mas aparecem em modo de destaque. Seu conteúdo pode ser de admoestação e pode retratar experiências universais. A versatilidade das sentenças, às vezes, as põe em situação alheia ao contexto e tem funcionalidade semelhante às parábolas<sup>16</sup>. No Evangelho de Tomé, elas dividem espaço com as parábolas e os diálogos.

As analogias mais próximas das sentenças dos evangelhos aparecem na literatura sapiencial judaica. Os textos de Provérbios, Coélet, Tobias 4 e 15, Sirácida e Jó contêm sentenças similares. A forma literária presente nestes textos é o *mashal*. Trata-se de uma sentença breve que comunica uma verdade sobre a vida numa dimensão concreta. São enunciações simples, mas que conduzem a uma sabedoria profunda<sup>17</sup>. Provérbios 22,5 apresentam uma dessas sentenças: “Espinhos e laços há no

<sup>14</sup> KOESTER, 2005, p. 29.

<sup>15</sup> BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998, p. 60-61.

<sup>16</sup> BERGER, 1998, p. 60-61.

<sup>17</sup> O'CONNOR, Kathleen. *The Wisdom Literature*. Minnesota: The Liturgical Press, 1990, p. 20.

caminho do perverso; quem presa a vida dele se afasta.” Esta literatura tem um aspecto teológico e outro prático. Os textos se ocupam da relação do homem com Deus, mas também de fundamentos práticos de suas ações cotidianas, principalmente levando em considerações as consequências éticas do agir humano<sup>18</sup>.

As sentenças foram utilizadas amplamente na literatura greco-romana. As *gnomes* eram utilizadas em muitos textos educativos romanos e gregos. Aristóteles e Quintiliano utilizaram as sentenças para fins retóricos. No período helenista, o uso das *gnomes* é amplamente atestado<sup>19</sup>. A tradição sapiencial e o uso das sentenças continuam na literatura cristã. O Sermão da Montanha é um texto sapiencial dentro do Evangelho de Mateus<sup>20</sup>, são também sapienciais a Epístola de Tiago<sup>21</sup>, a Didaquê, a Epístola de Barnabé<sup>22</sup> e as Sentenças de Sexto<sup>23</sup>. Os ágrafos encerram muitos ensinamentos de sabedoria. Para o propósito desta análise, vamos nos deter nas sentenças que serviram para transmitir os ensinamentos de Jesus para a discussão sobre o gênero literário do Evangelho de Tomé.

Seguindo a classificação de Klaus Berger, as características mais comuns das sentenças são: a) As frases sobre determinadas ocupações como profetas, escravos, mestres e discípulos: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lc 4,24) e “Um profeta não é recebido em seu povoado. Um médico não cuida daqueles que o conhecem” (*logion* 32, EvT); b) As frases sobre a condição do ser humano: “que aproveita ao homem ganhar o mundo e arruinar a sua vida?” (Mc 8,36); c) As sentenças conectadas com as parábolas; d) sobre

<sup>18</sup> DELLE, Katharine J. Wisdom Literature. In: PERDUE, Leo G. *The Blackwell Companion to the Hebrew Bible*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001, p. 418-420.

<sup>19</sup> HENDERSON, Ian Hebert. *Sententiae Jesus: Gnostic Sayings in the Tradition of Jesus*. Oxford: University of Oxford, 1989, p. iii-iv.

<sup>20</sup> TUTTLE, Gary A. The Sermon on the Mount: Its Wisdom Affinities and their Relation to its Structures. *Journal of the Evangelical Theological Society*, La Mirada, [s. d.], p. 213-230.

<sup>21</sup> HOLLOWAY, Gary. James and New Testament Wisdom Literature. *Leaven*, v. 8, n. 8, 2000, p. 89-92.

<sup>22</sup> RIPER, Ronald Allen. *Wisdom in the Q-Tradition: The Aphoristic Teachings of Jesus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 68.

<sup>23</sup> WILSON, Walter T (Ed.). *The Sentences of Sextus*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012, p. 1-2.



consequências das ações humanas: “Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 18,14); e) perspectivas sobre o futuro: “Pois nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado” (Mt 10,26), “pois nada há de oculto que não se manifeste” (*logion* 5, EvT); f) julgamentos sobre aquilo que é melhor: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mc 10,25) e g) regras gerais: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, espalha” (Mt 12,30)<sup>24</sup>.

As sentenças podem aparecer no meio, no fim ou na conclusão de uma unidade textual, com o propósito de admonição. Berger aponta o uso de sentenças com fins apologéticos em Hebreus (9,22: “Sem efusão de sangue não há remissão”). Elas podem ser usadas também para anunciar um juízo, uma ameaça ou um vaticínio. E, de modo geral, podem aparecer como axiomas para anunciar princípios gerais da experiência humana<sup>25</sup>.

Esses diferentes subtipos de sentenças são encontrados no Evangelho de Tomé. Juntamente, com as sentenças existem as *chreiai* e as *gnomes* que também se caracterizam pela concisão frasal. A *chreia* é uma frase breve ou um fato atribuído a um personagem específico ou algo que diz respeito ao personagem<sup>26</sup>. Seu uso geralmente está associado à biografia. A *chreia* de ditos funciona dentro de diálogo onde há um questionamento e a resposta do interlocutor<sup>27</sup>. A *chreia* de ações serve para relembrar os hábitos ou as ações de um personagem conhecido<sup>28</sup>. Essas situações ocorrem diversas vezes no Evangelho de Tomé.

As *gnomes* aparecem associadas às sentenças e às *chreiai*. A *gnome* é uma sentença de caráter sapiencial com a função de aconselhar alguém<sup>29</sup>. Segundo Ian Henderson, as *gnomes* são normativas, éticas e de aplicação universal. Este gênero foi utilizado na transmissão das

<sup>24</sup> BERGER, 1998, p. 62-63.

<sup>25</sup> BERGER, 1998, p. 64.

<sup>26</sup> SANDNES, Karl Olav. *Early Christian Discourses on Jesus' Prayer at Gethsemane: Courageous, Committed, Cowardly?* Leiden; Boston: Brill, 2016, p. 131.

<sup>27</sup> BERGER, 1998, p. 77-78.

<sup>28</sup> ROBBINS, Vernon K. The *Chreia*. In: AUNE, David E. (Ed.). *Greco-Roman Literature and New Testament: Selected Forms and Genres*. Atlanta: School Press, 1988, p. 1-2.

<sup>29</sup> BERGER, 1998, p. 77-78.

sentenças de Jesus e tiveram a finalidade de conferir autenticidade a esta tradição<sup>30</sup>. A autoridade de Jesus era necessária para validar o código moral da comunidade cristã.

As sentenças são as formas literárias predominantes no Evangelho de Tomé. Os diálogos ocupam apenas 15% dos 114 *logia*. Neste levantamento, estamos contando “diálogo” como a interação mínima entre dois interlocutores e não incluímos aqueles que ocorrem dentro das parábolas como em 57, 64 e 65. Nos *logia* 13, 60 e 61, há uma interação dialógica maior. Os elementos narrativos e de diálogos aparecem expressivamente nas parábolas. As parábolas representam as unidades textuais mais longas do evangelho. Os interlocutores mais frequentes de Jesus são seus próprios discípulos.

Os principais tipos de sentenças são: a) *Chreiai* mistas: são sentenças com declarações ou fatos sobre Jesus; b) Sentenças sapienciais (*gnomes*): uma forma textual breve que encerra um ensinamento universal (*logia* 45,47); c) Sentenças proféticas: elas trazem uma perspectiva de futuro (*logia* 51, 111); d) Sentenças “eu” (*anok pe*): elas revelam a identidade de Jesus e seus atributos (61, 77)<sup>31</sup>; f) Parábolas: são pequenas histórias que utilizam uma comparação ou imagem para transmitir uma mensagem (96,98)<sup>32</sup>; g) Macarismos: são formas declarativas com a expressão “bem-aventurados”/ “felizes” (18); h) Sentenças “ais”; i) Sentenças proverbiais (31,102); j) Sentenças legais (53,104); k) Sentenças normativas: Elas contêm prescrições ou normas para a comunidade cristã<sup>33</sup>. A seguir, faremos algumas considerações sobre as *chreiai*, os diálogos e as parábolas.

As *chreiai* podem ser apofânticas ou responsivas. O primeiro tipo se caracteriza por simples declarações e aparecem no Evangelho de Tomé na forma de “Jesus disse”. Já as *chreiai* responsivas envolvem uma pergunta e uma resposta ou um pedido de explicação<sup>34</sup>. Muitas *chreiai*

<sup>30</sup> HENDERSON, 1989, p. iii-v.

<sup>31</sup> KLAUCK, Hans-Josef. *Evangelhos Apócrifos*. Trad. de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007, p. 134.

<sup>32</sup> SANOKI, Koichi. Parábola: Um gênero literário. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 7, n. 12, 2013, p. 102-112.

<sup>33</sup> KLAUCK, 2007, p. 134.

<sup>34</sup> WOODRUFF, Archivald Mulford. A Créia, Elegante ou Deselegante, a partir dos Progymnasmata, em relação ao Novo Testamento. *Phoenix*, Rio de Janeiro, v. 9, 2003, p. 55-64.

encontradas neste evangelho são responsivas (12, 18, 20, 21, 24, 37, 43, 51, 52, 53, 72, 91, 104, 113 e 114). Os *logia* 60 e 100 são casos de *chreiai* sem questionamento. Elas são do tipo das *chreiai* mistas porque combinam discursos e fatos<sup>35</sup>. As *chreiai* têm função memorial. Elas preservam as recordações das lições de um mestre. Na antiguidade, elas eram utilizadas nos exercícios de treinamento dos retóricos para provocar a reconstituição de uma memória. As *chreiai* estão relacionadas com a recordação e podem ser expandidas para uma pequena história. Neste sentido, o gênero é adequado aos evangelhos por causa da necessidade de reconstruir a memória das palavras e dos fatos de Jesus<sup>36</sup>.

Os diálogos estão relacionados com as *chreiai* responsivas. A tendência em preservar os diálogos de Jesus e seus discípulos pode ser atestada em vários documentos. As sentenças mais primitivas ou mais próximas da oralidade ganham interpretações nas formas de diálogos. São evidências deste gênero textual o Diálogo do Salvador, o Apócrifo de Tiago e o Evangelho de Maria<sup>37</sup>. Os diálogos no Evangelho de Tomé têm uma função didática. São, na maioria das vezes, iniciados por questionamentos dos discípulos. O mote principal de Tomé é “Aquele que procura não deixe de procurar até encontrar” e os discípulos querem justamente compreender a interpretação das palavras de Jesus. São temas dos diálogos: a) a identidade de Jesus (13, 37, 43, 61, 91); b) as normas da comunidade (6, 53); c) a condição e o destino do discípulo ou do homem em geral (18, 21, 51, 60, 99, 100, 104, 114); d) a descrição do Reino dos Céus (20, 22, 113). As *chreiai* desses diálogos estão envolvidas em quatro preocupações gerais: Quem é Jesus, qual a condição do discípulo no mundo, o que é o Reino dos Céus, e como o discípulo deve se comportar na comunidade.

As parábolas também são um gênero presente no Evangelho de Tomé. Existem 12 parábolas de tamanhos diversos (*logia* 8, 9, 20, 57, 63, 64, 65, 76, 96, 98, 107 e 109). Elas representam 8% de todo o texto do evangelho. López destaca que elas representam as formas mais antigas

<sup>35</sup> ARNAL, William E.; DESJARDINS, Michel. *Whose Historical Jesus?* Ontario: Canadian Corporation for Studies in Religion, 1997, p. 58.

<sup>36</sup> ARNAL; DESJARDINS, 1997, p. 130-131.

<sup>37</sup> KOESTER, 2005, p. 29.

das parábolas. Ao tomar a versão de Tomé da parábola do Semeador (*logion* 9) em comparação com Marcos 4, 3-9, o pesquisador conclui que a estrutura da forma mais antiga da parábola demonstra que elas eram originalmente histórias completas sem alegorias. A interpretação alegórica acontece durante uma redação secundária. Primeiramente, elas não possuíam também as interpretações apocalípticas. Eram apenas histórias de sabedoria. Portanto, o Evangelho de Tomé conserva uma estrutura literária mais simples nas parábolas. Esta característica pode advogar a favor da antiguidade do texto, ou pelos menos a antiguidade de sua camada mais primitiva<sup>38</sup>.

Todas as formas textuais que compõem o Evangelho de Tomé são típicas de literatura sapiencial. Este evangelho compartilha com o Evangelho de João este tipo de literatura<sup>39</sup>. Porém, quanto ao gênero literário, as sentenças são predominantes. As parábolas ocupam 8% e os diálogos 15% do texto e os 77% restantes são de *logia* que iniciam com a expressão “Jesus disse”, portanto, são sentenças. Se considerarmos que os diálogos encerram *chreiai* responsivas, teremos mais ocorrências de sentenças. O gênero de Tomé foi denominado por James Robinson como *logoi sophon* (“palavras do sábio”)<sup>40</sup>. Uma coleção de ditos sapienciais atribuídas à autoridade de Jesus constitui, neste caso, um evangelho de sentenças. Esta designação torna-se mais adequada ainda pelo fato de Tomé tomar Jesus como um mestre de alta sabedoria e não utilizar o título “Cristo” em nenhum momento.

### 3. As sentenças e a transmissão dos ensinamentos de Jesus

A concisão e a utilidade didática das sentenças fizeram com que sua utilização nos textos do cristianismo primitivo fosse muito difundida. As *chreiai* funcionam como um bom facilitador da memória<sup>41</sup>. O compartilhamento

<sup>38</sup> LÓPEZ, Ediberto. As origens do cristianismo e o evangelho de Tomé. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 22, v. 3, 1995, p. 147-161.

<sup>39</sup> BARNSTONE; MEYER, 2003, p. 38.

<sup>40</sup> PATTERSON, Stephen. *The Gospel of Thomas and Christian Origins: Essays on the Fifth Gospel*. Leiden: Brill, 2013, p. 144-146.

<sup>41</sup> SANDNES, 2016, p. 131.

de sentenças em muitos autores nos indica que uma ou mais fonte evangélica primitiva de sentenças circulou como referência para a recordação das palavras de Jesus, embora o único texto integralmente conhecido deste gênero seja o Evangelho de Tomé.

Consideramos que o uso das sentenças na transmissão das tradições sobre Jesus é motivado pela própria natureza deste gênero. Segundo Berger, “o valor histórico especial das sentenças reside no fato de constituírem uma das poucas possibilidades de regressar com relativa segurança a estados orais anteriores da tradição evangélica”<sup>42</sup>. A função memorial dos evangelhos encontraria mais eficiência nas sentenças porque elas remetem o ouvinte diretamente às palavras de Jesus. Mesmo na hipótese de que estas palavras não assegurem literalmente a oralidade de Jesus, mas somente a oralidade de suas testemunhas oculares, ainda seria o único gênero que recriaria este ambiente da oralidade.

A história da crítica textual do Novo Testamento comporta uma hipótese que revela o papel das sentenças na preservação da memória de Jesus. A hipótese da fonte Q surgiu a partir do esforço de compreensão da concordância textual entre Mateus, Marcos, Lucas e João. A teoria parte da tese de que Marcos é o evangelho mais antigo e foi utilizado independentemente por Mateus e Lucas como fonte. Mas esses dois últimos contêm um material que não provém de Marcos. Esta concordância textual entre os evangelhos de Mateus e de Lucas são provenientes de uma fonte denominada Q (do alemão *Quelle*, “fonte”)<sup>43</sup>.

Depois da descoberta do texto copta do Evangelho de Tomé em Nag Hammadi, em 1945<sup>44</sup>, a hipótese de Q ganhou um suporte material. A forma textual de Tomé indica que coleções das sentenças de Jesus foram utilizadas na preservação da sua memória. Howes sugere que o Documento Q teria sido utilizado com função catequética para os novos membros da comunidade<sup>45</sup>. Semelhante sustentação pode ser feita sobre o Evangelho de Tomé.

<sup>42</sup> BERGER, 1998, p. 65.

<sup>43</sup> KLOPPENBORG, John S. *Q, the Earliest Gospel: An Introduction to Original Stories and Sayings of Jesus*. Louisville; London: Westminster John Knox Press, 2008, p. 2.

<sup>44</sup> POKORNÝ, 2009, p. 4.

<sup>45</sup> HOWES, Llewellyn. *Judging Q and Saving Jesus: Q's Contribution to the Wisdom-apocalypticism Debate in Historical Jesus Studies*. South Africa: Aosis, 2015, p. 45.

Os contatos de Q podem ser encontrados na Epístola de Tiago, 1 Clemente e Didaquê. O Evangelho de Tomé ao lado de Mateus e de Lucas possui também concordância textual com a fonte Q. Ele compartilha 37 sentenças que são atribuídas a Q. Este número representa quase um terço dos 114 *logia* que compõem Tomé. Ao todo, podem ser estabelecidos 42 contatos textuais entre os dois documentos. Apesar da semelhança de gênero e da concordância textual, sustentar quem usa quem no processo redacional é difícil<sup>46</sup>. Helmut Koester argumenta que as sentenças do Evangelho de Tomé possuem formas mais originais e, além disso, apresentam traços diferentes do estilo redacional de Q<sup>47</sup>.

A distinção maior no conteúdo entre Tomé, Q e os evangelhos canônicos é a ausência da narrativa da paixão e da morte. Os *logia* de Q e de Tomé têm sua atenção na pregação de Jesus. Eles podem ser situados antes da morte ou depois da ressurreição. Esta segunda opção nos remete aos evangelhos de diálogos que focam sua atenção nos ensinamentos pós-pascuais<sup>48</sup>. Como o prólogo de Tomé frisa que Jesus é o vivente podemos entender que o tempo neste evangelho ocorre no período pós-morte e tem uma preocupação em revelar os ensinamentos de Jesus por meio de sentenças, com escassos elementos narrativos. O Evangelho Q e o Evangelho de Tomé representam uma fase do cristianismo que não havia uma preocupação apocalíptica<sup>49</sup>.

Por fim, nos resta perguntar o que a singularidade do Evangelho de Tomé representa no conhecimento de Jesus e do cristianismo primitivo? Apesar de compartilhar semelhanças com os evangelhos canônicos, Jesus e o cristianismo de Tomé têm diferenças importantes. O cristianismo tomasino não enfatiza a paixão e a morte de Jesus; nem a relação entre pecado e expiação, não percebe a relação entre homem e Deus como ruptura. A relação entre homem e Deus é próxima e a salvação é posta em termos de unificação ou de assimilação do divino. Trata-se de um

<sup>46</sup> KLOPPENBORG, 2008, p. 109.

<sup>47</sup> KOESTER, Helmut apud KLOPPENBORG, John S. *Q, the Earliest Gospel: An Introduction to Original Stories and Sayings of Jesus*. Louisville; London: Westminster John Knox Press, 2008, p. 111.

<sup>48</sup> TÀRRECH, Armand Puig i. El Evangelio segun Tomás: Otra lectura de Jesús? *Didaskalia*, n. 36, v. 2, 2006, p. 71-105.

<sup>49</sup> PATTERSON, 2013, p. 146-147.

cristianismo místico<sup>50</sup>. A identidade de Jesus para a comunidade tomassina é a sabedoria personificada. Jesus recebe vários títulos, mas não é tratado diretamente como o Cristo<sup>51</sup>.

### Considerações finais

O aumento da pesquisa e da produção bibliográfica sobre a literatura do cristianismo primitivo incluindo textos além do Novo Testamento tem o mérito de enriquecer e de ampliar os horizontes da academia a respeito das tradições sobre Jesus, principalmente superando a restrição desses estudos à apologética. A compreensão dos aspectos formais e literários do Novo Testamento depende do conhecimento da literatura que lhe é contemporânea. Os evangelhos são um fenômeno literário amplo, diversificado e de interesses de áreas de conhecimento além da teologia.

O Evangelho de Tomé é um texto indispensável para o entendimento do processo de registro das memórias dos apóstolos sobre Jesus. As coleções de sentenças representam um estágio decisivo da literatura do cristianismo primitivo. Uma parte considerável de textos catequéticos e apologéticos utiliza a autoridade dessas sentenças para fundamentar as crenças do cristianismo. Os estudos desta literatura fornecem dados para o aprofundamento das visões sobre o cristianismo primitivo em seus aspectos religiosos, sociais e culturais.

### Referências

- AUDI, Robert. Robert. *Epistemology: A Contemporary Introduction to the Theory of Knowledge*. New York: Routledge, 2003.
- ARNAL, William E.; DESJARDINS, Michel. *Whose Historical Jesus?* Ontario: Canadian Corporation for Studies in Religion, 1997.

<sup>50</sup> URO, Risto. Thomas: Seeking the Historical Context of the Gospel of Thomas. London/New York: T & T Clark, 2003, p. 28-30.

<sup>51</sup> KIM, David W. Thomasine Logia: A Collection of Sapiential Traditions. *History Research, London*, v. 3, n. 3, 2013, p. 165-179.

- BARNSTONE, Willis; MEYER, Marvin. *The Gnostic Bible*. Boston; London: Shambhala, 2003.
- BENNEMA, Cornelis. *Mimesis in the Johannine Literature: A study in Johannine Ethics*. New York: Bloomsbury; T&T Clark, 2017.
- BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.
- CESARIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999.
- HAYGOOD, Lisa. The Battle to Authenticate “the Gospel of Thomas”. *LUX, A Journal of Transdisciplinary Writing and Research from Claremont Graduate University*, v.3, n. 1, 2013, p. 1-31.
- HENDERSON, Ian Hebert. *Sententiae Jesus: Gnostic Sayings in the Tradition of Jesus*. Oxford: University of Oxford, 1989.
- HOLLOWAY, Gary. James and New Testament Wisdom Literature. *Leaven*, v. 8, n. 8, 2000, p. 89-92.
- HOWES, Llewellyn. *Judging Q and Saving Jesus: Q’s Contribution to the Wisdom-apocalypticism Debate in Historical Jesus Studies*. South Africa: Aosis, 2015.
- KIM, David W. *Thomasine Logia: A Collection of Sapiential Traditions*. *History Research, London*, v. 3, n. 3, 2013, p. 165-179.
- KLAUCK, Hans-Josef. *Evangelhos Apócrifos*. Trad. de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007.
- KLOPPENBORG, John S. *Q, the Earliest Gospel: An Introduction to Original Stories and Sayings of Jesus*. Louisville; London: Westminster John Knox Press, 2008.
- KOESTER, Helmut. Gospel and Gospel Traditions in the Second Century. In: GREGORY, Andrew F.; TUCKETT, Christopher M. *Trajectories through the New Testament and the Apostolic Fathers*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LÓPEZ, Ediberto. As origens do cristianismo e o evangelho de Tomé. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 22, v. 3, 1995, p. 147-161.
- MAGNUSSON, Jörgen. *Rethinking the Gospel of Truth: A study of its eastern Valentinian setting*. Dissertação de Mestrado. 191 fls. Faculty of Theology, University of Uppsala, Uppsala, 2006.
- O’CONNOR, Kathleen. *The Wisdom Literature*. Minnesota: The Liturgical Press, 1990.



- PATTERSON, Stephen. *The Gospel of Thomas and Christian Origins: Essays on the Fifth Gospel*. Leiden: Brill, 2013.
- POKORNY, Petr. *From the Gospel to the Gospels: History, Theology and Impact of the Biblical Term euangelion*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2013.
- RIPER, Ronald Allen. *Wisdom in the Q-Tradition: The Aphoristic Teachings of Jesus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ROBBINS, Vernon K. The Chreia. In: AUNE, David E. (Ed.). *Greco-Roman Literature and New Testament: Selected Forms and Genres*. Atlanta: School Press, 1988.
- ROMA, Justino de. *I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. Trad. de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- SANDNES, Karl Olav. *Early Christian Discourses on Jesus' Prayer at Gethsemane: Courageous, Committed, Cowardly?* Leiden; Boston: Brill, 2016.
- SANOKI, Koichi. Parábola: Um gênero literário. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 7, n. 12, 2013, p. 102-112.
- SCHWARTZ, Barry. Christian Origins: Historical Truth and Social Memory. In: KIRK, Alan; THATCHER, Tom. *Memory, Tradition and Text: Uses of the Past in Early Christianity*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.
- SCNHEEMELCHER, Wilhelm. *New Testament Apocrypha I: Gospels and Related Writings*. Louisville; London: Westminster John Knox Press, 2003.
- TÀRRECH, Armand Puig i. El Evangelio segun Tomás: Otra lectura de Jesús? *Didaskalia*, n. 36, v. 2, 2006, p. 71-105.
- TUTTLE, Gary A. The Sermon on the Mount: Its Wisdom Affinities and their Relation to its Structures. *Journal of the Evangelical Theological Society*, La Mirada, [s. d.], p. 213-230.
- URO, Risto. *Thomas: Seeking the Historical Context of the Gospel of Thomas*. London/New York: T & T Clark, 2003.
- WILSON, Walter T (Ed.). *The Sentences of Sextus*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.
- WOODRUFF, Archivald Mulford. A Créia, Elegante ou Deselegante, a partir dos Progymnasmata, em relação ao Novo Testamento. *Phoinix*, Rio de Janeiro, v. 9, 2003, p. 55-64.